

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): ALEXANDRE MANOEL FONSECA

Nos braços de Ulisses: amor e mito em *Uma aprendizagem* ou *O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector

Introdução

Após passar nove dias isolada em um hotel, Clarice Lispector concebeu o livro *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (UALP), que foi publicado no final da década de 1960. Categorizado por muitos como uma produção estranha, pois ele começava com uma vírgula e se encerrava com dois pontos, Clarice apresenta o ápice da aprendizagem da pedagoga Loreley, nome extraído do folclore germânico, e do professor de filosofia com nome explicitamente homérico, Ulisses. Docemente “silenciada” pelo poder filosófico de Ulisses, Lóri também se apresenta como uma mulher fraca, medrosa, com medo de se entregar verdadeiramente ao mundo e, principalmente, às pessoas.

UALP é um pergaminho de uma experiência que mescla amor, prazer e submissão. Entretanto, a submissão presente na relação de Loreley e Ulisses não coloca nenhum dos amantes a sujeito do outro; pois ambos conseguem benefícios com o laço amoroso: Lóri se submete às circunstâncias para encontrar um Eu perdido; enquanto o professor tem sua recompensa no encontro existencial da amada: o ápice representa para ele a chegada do amor. A relação de ambos não passa de um exercício de troca, pondera Lúcia Helena, em *O traçado e a Entrelinha*, pois “aluna e professor de filosofia, encontram-se num exercício de aprendizagem do amor, em que pouco a pouco a diferença entre ambos, inicialmente impeditiva, vai-se atenuando” (HELENA, 2007, p. 20).

Loreley parece compartilhar das mesmas sinas e agruras de outras personagens. Em busca do amado, ou do desejo de completude, Lóri conecta-se a várias personagens, especialmente a Psiquê. Em grego, o nome Psiquê significa tanto borboleta como alma. Assim como Lóri, a princesa grega precisou passar por testes para que seu ser engrandecesse, a ponto de se libertar da figura rastejante da lagarta até atingir a beleza delicada da borboleta. “Psiquê é, portanto, a alma humana, purificada pelos sofrimentos e infortúnios, e preparada, assim, para gozar a pura e verdadeira felicidade.” (BULFINCH, 2006, p. 96). Após consumir a união com Eros (Cupido), Psiquê teve uma filha chamada Prazer. E assim acontece quando Ulisses e Loreley se encontram: após o gozo carnal e a sublimação das almas, o prazer brota finalmente da relação, mostrando suas pétalas e os mistérios de uma relação.

Na obra, Lispector troca as identidades das personagens para que elas assumam novos rumos. Segundo Gotlib (2013), Loreley é que passa pelo processo da aprendizagem, analisada pelo amado Ulisses. E o professor não mais navega nos mares de Netuno para chegar aos braços da amada. Dessa vez, é a amada que precisa atravessar o castigo dos deuses para chegar ao leito do amor verdadeiro, como pondera Terezinha Silva em Clarice: *odisséia às avessas*. “Mas Lóri também é a que, como Penélope, espera pela presença de Ulisses, enquanto Ulisses também se ausenta e, como sereia, o atrai e seduz. Ele também espera, pacientemente, por ela, até que ela esteja pronta para o amor.” (GOTLIB, 2013, p. 484).

A proposta deste trabalho será se debruçar sobre a relação estabelecida entre Loreley e Ulisses, além de suas ligações com os discursos míticos e lendas gregas. Ao analisar *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, pretendemos estudar os percalços do casal em busca do Amor e, conseqüentemente, do prazer.

Material e métodos

O trabalho *Nos braços de Ulisses: Amor e mito em Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector será estruturado a partir de pesquisas bibliográficas. Para apresentar e discutir a possível relação da obra com a vida pessoal de Clarice Lispector, será utilizada Nádia Batella Gotlib; os fatores mitológicos serão apresentados com base em Thomas Bulfinch, Junito Brandão, Apuleio e Homero; o discurso do Amor e do Prazer será engendrado a partir das análises de Platão, Emílio Mira Y López, Erich Fromm e Eduardo Paz; por fim, o texto clariceano em si, sua estética e particularidades, será observado com base em Benedito Nunes, Vilma Arêas, Olga de Sá, além das obras pertencentes a *corpus* de Clarice Lispector que possam comunicar com a proposta do projeto.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Resultados e discussão

O Amor é um percalço, uma navegação rumo ao desconhecido, que parte de um indivíduo desejoso de uma experiência maior, transcendental, que possa, talvez, justificar a existência. É justamente esse desconhecido, essa experiência de entrega, que às vezes ocasiona a submissão e a anulação do Eu, que norteia esse estudo.

Desde que uma molécula disse sim para outra molécula e fez surgir a vida, como na cosmogonia clariceana, o Amor desperta o interesse no homem, tanto no sentido de experimentá-lo em sua grandeza e profundidade, quanto de interpretá-lo: de onde ele vem? O que é? Inúmeras são as obras que tentaram revelá-lo: Amor é isto. N' *O Banquete* de Platão, o sentimento é posto em discussão e profunda análise filosófica entre Sócrates, Fedro, Alceste, Páusanias, Eríximaco e Aristófanes. Para Fedro, o amor guia o homem para a bondade e é justamente esse o seu grande trunfo. “Por que, de fato, o que deve orientar os homens que desejam viver uma vida honesta, isto não os dá nem as linguagens, nem as honrarias, nem a riqueza. Só o amor consegue dar isso.” (PLATÃO, 2005, p. 103).

Alceste comenta que o Amor é o deus mais antigo de todos e “o mais capaz de tornar o homem virtuoso e feliz durante a vida e após a morte” (PLATÃO, 2005, p. 106). Talvez seja esse o objetivo de Lóri: encontrar algo tão poderoso que a faça transcender sobre a própria e efêmera existência humana. Loreley sabe de suas limitações e vê em Ulisses a oportunidade para confrontá-las, e Ulisses vê em Loreley um prazer distante, uma maçã verde que deve ser cuidada até que esteja pronta, “porque até as frutas têm estação” (LISPECTOR, 1998, p. 89). Já dizia Páusanias: “o amor não é simples”. Também não é simples a vida dos casais que esperam reciprocamente a salvação vinda do âmagdo outro, como demonstrada na relação estabelecida entre Ulisses e Lóri. E buscar no outro o caminho da virtude, da metamorfose de lagarta rastejante para um ser alado (Psiquê), belo, não é vergonhoso nos desígnios de Eros, ainda conforme Páusanias. “É sentimento comum entre nós não ser vergonhoso e humilhante alguém se entregar a outrem porque espera graças a ele realizar progressos no caminho da sabedoria ou de outra qualquer parte da virtude” (PLATÃO, 2005, p. 112).

Por meio do mito, que também é divergente sobre a origem ou nascimento do Amor, que Aristófanes explica a ânsia do desejo de posse dos amantes. No início dos tempos, segundo a cosmogonia grega, existiam três tipos de seres: masculino, feminino e os seres andróginos. Após enfrentarem o poder dos deuses, os andróginos foram repartidos pela fúria de Zeus. “Assim seccionada a natureza humana, cada uma das metades pôs-se a procurar a outra. Quando se encontraram, abraçaram-se e se entrelaçaram num insopitável desejo de novamente se unirem para sempre.” (PLATÃO, 2005, p. 121). Conforme Aristófanes, procuramos no outro a completude justamente por causa desse castigo dos deuses: tentamos recompor a natureza de outrora e fazer de dois seres distintos apenas um.

Conclusões

Após análises textuais tanto na obra clariceana quanto em outras, como *O asno de ouro* e *A odisseia*, concluímos que *Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres* apresenta reverberações mitológicas revisitadas pela autora em um contexto modernista. Em face da figura masculina, representada por um professor de filosofia, temos uma mulher em busca de uma verdadeira expressão de si mesma, além do nivelamento com seu amado. Corroborando com o tema, o romance se estrutura no nivelamento dos dois protagonistas, que ora são chamados de “potências” pela crítica. Uma mulher que, ao final da sua odisseia amorosa, consegue provar do amor e suas deliciosas consequências, tais como o prazer e o alívio.

Agradecimentos

Agradeço o inestimável apoio intelectual e afetuoso dos meus colegas de mestrado, em especial Thais Rios de Aguiar e Siméia Oliva. Agradeço também apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) cedido no ano de 2016.

Referências bibliográficas

- ARÉAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 7. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

HELENA, Lúcia. O traçado e a entrelinha. **Revista Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p. 15-22, 2007. Disponível em: <<http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/732/584>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Nova Cultura, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

LÓPEZ, Emilio Mira Y. **Quatro gigantes da alma: o medo, a ira, o amor e o dever**. Rio de Janeiro (RJ): José Olympio, 1960.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates – O Banquete**. São Paulo (SP): Martin Claret, 2005.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. São Paulo: Vozes/fatea, 1979.

Realização:



Apoio:

